



## **PAISAGEM COMO CATEGORIA ARTICULADORA AO ENSINO DE GEOGRAFIA: PROVOCAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS.**

### **LANDSCAPE AS MANAGING CATEGORY TO GEOGRAPHY LEARNING: THEORETICAL AND METHODOLOGICAL STIMULATIONS**

**Cesar Augusto Ferrari Martinez**

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – Professor Assistente

[cesarfmartinez@yahoo.com.br](mailto:cesarfmartinez@yahoo.com.br)

#### **RESUMO**

Este artigo busca fomentar teórica e metodologicamente o uso da paisagem no ensino de geografia. Parte-se da paisagem como conceito e como ela articula não somente uma leitura do espaço, mas leituras da nossa relação e dos nossos corpos nesses espaços. Para isso vale-se de trechos de músicas e de poemas de artistas nordestinos como Belchior, João Cabral de Melo Neto e Caetano Veloso, para enriquecer o manancial de recursos didático utilizados pelos professores. Finalmente, propõe três atividades como exemplo do uso de paisagem: painelismo didático, ressignificação das toponímias urbanas e produção de paisagens sonoras. Conclui-se que o conhecimento e a análise de paisagens que representem diferentes modos de vida contribui a problematizar o seu próprio, reforçando uma diversidade que também tem caráter político.

**Palavras-chave:** Paisagem; Ensino de geografia; Metodologias de ensino; Estágio supervisionado.

#### **ABSTRACT**

This article aims to promote theoretically and methodologically the use of the category of landscape for geography learning. It points out landscape as a concept and how it articulates not only a reading of space, but readings of our bodies in these spaces. To do so, excerpts of songs and poems composed by Brazilian artists such as Belchior, João Cabral de Melo Neto and Caetano Veloso are used to enrich didactic resources by teachers. Finally, it proposes three activities as examples of landscape usage: didactic panels, re-signification of urban toponymy and production of sound landscapes. Conclusion asserts that when students learn and investigate landscapes that represent different ways of life, it contributes to problematize their own, emphasizing a diversity that has political meaning.

**Keywords:** Landscape; Geography learning; Teaching methodologies; Preservice teachers.

## 1 - Introdução

O presente texto é tanto um esforço em propor uma saída metodológica à segmentação do currículo de Geografia, quanto uma resposta às inquietações trazidas por estudantes em Prática de Ensino da Licenciatura em Geografia, disciplina que leciono na Universidade Federal de Pelotas. A problemática decorre, principalmente, da dificuldade em uma transposição epistemológica revelada no momento em que prospectam seus estágios. Não raro observamos os materiais didáticos utilizados pelas escolas proporem uma abordagem conservadora acerca da organização dos temas, trazendo os complexos regionais (regiões brasileiras, blocos econômicos, continentes, etc.) esquartejados em múltiplas dimensões ou denominados “aspectos”. Esses aspectos (humanos, econômicos, físicos, etc.) apresentam os elementos que constituem o espaço separadamente, como se fossem *layers* de uma realidade a ser analisados um a um. Essa crítica já é conhecida quando feita ao modelo NHE – Natureza, Homem, Economia (MOREIRA, 2010).

É possível fazer duas críticas a esse tipo de abordagem. O primeiro, de que há pouca relação entre os elementos – como se cada parte não tivesse intimamente associada a outra. Posteriormente, impõe-se uma mesma matriz temática e de análise a todos os espaços. Assim, não há vazão para emergir temáticas e relações específicas a cada região. Soma-se a isso um elemento curricular e epistemológico: em geral nas graduações em geografia (e especificamente na Universidade Federal de Pelotas) as grades curriculares do curso organizam-se por temáticas (climatologia, geomorfologia, geografia urbana, etc.) com ênfase nos processos, enquanto na geografia escolar, a organização dá-se por complexos regionais.

Essa divergência de concepções constitui-se como um desafio aos estudantes iniciados à prática de ensino e que precisam construir seus projetos de trabalho. Buscando alternativas de trabalho à concepção muitas vezes sectária de muitos materiais didáticos, temos trabalhado juntos em alternativas metodológicas. Uma das alternativas propostas conjuntamente foi de não abordar o estudo da diversidade espacial através de elementos esquizofrenicamente apartados. Assim, buscando na realidade a fonte de inspiração e análise do espaço. Para tanto, utilizando o conceito de *paisagem* como articulador central na análise e interpretação de espaços próximos ou distantes.

A paisagem como síntese da expressão do espaço é o conceito que emerge como solução para entender as relações propostas pela regionalização. Ao invés de listarmos elementos que, ao final, o aluno dará conta de montar como um quebra-cabeça espacial, oferecemos a oportunidade de analisar uma textualidade que represente uma paisagem e abstrair dessa análise os elementos percebidos e os processos que a constituem. Ou seja, propõe-se a paisagem como elemento articulador da diversidade regional.

Dessa forma, me proponho a inicialmente levantar alguns pontos sobre a leitura do conceito de paisagem para, posteriormente, pensar em uma metodologia que o articule como categoria na interpretação e didático do espaço e, finalmente, encaminhar possíveis ideias para práticas a partir da leitura da paisagem.

## **2 - De que paisagem falamos**

Obviamente, para entendermos a paisagem enquanto categoria ao ensino de geografia, é preciso situá-la no quadro de referências teóricas do campo. Inicialmente, temos a paisagem no senso-comum como aquele retrato composto pelos momentos de ócio escolar nos anos iniciais, onde éramos induzidos a desenhar como passatempo e muitos ainda mantêm aquela bucólica cena: sol, passarinhos, montanhas, árvore, casinha com chaminé. Ainda que poucos de nós tivéssemos uma paisagem como essa em nossos cotidianos de infância. Repetidas vezes, com alunos da educação básica e superior, realizei oficinas de problematização da paisagem onde essa imagem infantil se reproduziria, mesmo quando desenvolvida em diferentes municípios do Rio Grande do Sul.

Uma abordagem, ainda que genérica, mas mais próxima do que a academia nos conduz a conceber como paisagem está no ser-abarcado. Ou seja, a paisagem como um lapso ao alcance dos sentidos (a visão prepondera), aquilo que se pode perceber, a leitura do espaço. Temos, portanto, nosso primeiro indicativo de trabalho. Como Souza (2013, p. 46) relembra, “a paisagem é uma forma, uma aparência. O conteúdo ‘por trás’ da paisagem pode estar em consonância ou em contradição”. A paisagem encobre, podendo ser a chave para o entendimento do espaço ou ainda ocultando suas contradições.

Quando adotamos a paisagem como categoria de análise do espaço e expressão de uma dada realidade espacial, temos que estar atentos aos processos que a constituem. Assim, não só aos elementos que nos oferece mas o que ela oculta, o que está faltando, o que

parece esconder. Cada representação de paisagem é de alguma forma uma versão dessa realidade espacial. Representar a paisagem é, portanto, politizar a leitura espacial.

A paisagem é representação e, como tal, está sujeita a critérios de seleção. Uma foto, uma pintura, uma música, uma descrição literária<sup>1</sup> traduzem uma ideologia nas intenções de representar o espaço. Que elementos eu escolho representar ou omitir? Que cenas eu engrandeço e quais eu reprimo? Busco o retrato bucólico da natureza ou a densidade da ocupação? Como monto, hierarquizo, sobreponho esses elementos? Todas essas questões compõem o exercício de, em primeiro plano, representar e posteriormente ler a paisagem.

Podemos assim entender que a leitura da paisagem se constitui em uma leitura de um espaço representado, escolhido, selecionado. Recordo que em dada situação, recebi em Porto Alegre um grupo de franceses que viajava a América do Sul. Naquele momento, passeando pelo centro da cidade, lhes chamava atenção toda situação de pobreza ou precariedade que reforçava que estavam em um país latino. Tiravam fotos de moradores de rua, acúmulos de lixo, prédios em ruínas e toda forma degradante. Pareciam satisfeitos em obter registros que representavam que encontraram a realidade social terceiro-mundista. Me pergunto: em qual medida a galeria de fotos dos franceses contraria a Porto Alegre dos cartões-postais?

Outra referência necessária é a elucidada por Berque (2012) quando propõe a paisagem tanto como marca quanto como matriz. Segundo o autor, a paisagem-marca o é porque expressa os processos dos grupos sociais no espaço. Ao mesmo tempo em que é matriz, pois essa expressão mobiliza as identidades e produz referências a esses grupos. A paisagem é o espaço em seu conteúdo discursivo. Não é apenas representação, atua como apoio em um processo de reprodução do próprio espaço. Daí desprende-se a importância de, como professores, orientarmos à sua análise.

### **3 - A paisagem e o ensino de geografia**

Se temos a paisagem como um conjunto (sistema?) indissociável de signos, compreender o espaço geográfico pressupõe a leitura atenta e a ressignificação dos mesmos. Dessa forma, há que compreender a geografia não apenas em temáticas, mas como linguagem.

---

<sup>1</sup> Vale a pena, para entender como a paisagem se manifesta em diversos artefatos culturais, a leitura do artigo de Panitz (2012).

Entender o espaço pressupõe a educação do olhar geográfico, a alfabetização dessa leitura da paisagem. Como qualquer textualidade, tem uma realidade objetiva e intencional e é apropriada de mil modos pelos sujeitos leitores.

Seria então um dos objetivos do ensino de geografia a leitura mais densa das paisagens? Talvez não só a leitura, mas a produção e escrita desses signos e espaços. Não só desvelar a paisagem como um hieróglifo indecifrável, mas percebê-la como espaço de entorno e centro do viver. Compreender, dessa forma, o espaço para entender a si mesmo.

Da mesma forma que a alteridade nos permite afirmar nossa identidade, a paisagem como manifestação da cultura regional nos permite compreender melhor nossa identidade espacial. O encontro com diferentes realidades – uma das possibilidades do conhecimento geográfico – promove novos entendimentos a partir dos nossos viveres, desnaturaliza e problematiza as ordens estabelecidas. Estudar a paisagem é, portanto, compreender o espaço em sua infinita complexidade de relações.

Mas não seria um contrassenso educar para uma leitura de paisagem que é cotidiana ao aluno? Desses espaços banalizados de circulação, como oferecer o novo? A paisagem do cotidiano é o livro que sempre esteve na estante, é familiar porém não conhecido. Está de tal forma incorporado que negligenciamos o valor de sua existência, banalizamos o próximo e subtraímos sua potencialidade. A paisagem do cotidiano é um livro que precisa ser relido, pois pede um novo entendimento. Portanto, devemos pensar em oferecer elementos que insurjam símbolos não antes assumidos, relações não antes percebidas, conclusões não antes promovidas. Enfim, propor a geografia como linguagem para novas leituras do cotidiano.

A sala de aula pode ser uma viagem, o encontro com o diferente, com o exótico, com o estranho e até – em alguns momentos – com o perturbador. Se temos o conhecimento como caminho para uma vida mais feliz, talvez tenhamos que pressupor que neste trajeto a aprendizagem terá que propor algumas angústias. Ler a realidade pode significar colocarmos em crise, em xeque, em conflito com nossos próprios paradigmas. Assim como em uma viagem, a aula de geografia tem os sabores e dissabores de estar submetido ao diferente.

Um dos conceitos que, cada vez mais, entendo como fundamental nessa análise é o de escala. A paisagem colocada em análise multiscalar revela distintas realidades e submete

as análises a releituras. Entende-se que, do ponto de vista metodológico e didático, paisagem é o elemento que nos permite analisar as relações socioespaciais – integrando e propondo compreender a simultaneidade dos eventos geográficos.

As perguntas que pairam são: sobre quais instrumentos podemos promover a leitura das paisagens? Que técnicas e abordagens usar para aprofundar essas leituras? Que problematizações posso lançar para ressignificar olhares sobre paisagens cotidianas? Para responder essas questões, é importante pensar em dois pressupostos. O primeiro é que a paisagem é catalisadora de identidades quando, não raro, se confunde em dada medida com elas. Em segundo, que como professores de geografia podemos propor textualidades que tragam em si paisagens, com seus sentidos e realidades, prontas para serem (mais ou menos) compreendidas.

#### **4 - Paisagem e Identidade: ser/estar no espaço**

Uma das atividades em que mais sou demandado por alunos em estágio supervisionado é a de sugerir abordagens e textualidades às aulas – até pelo fato de que é algo que me cativa, razão pela qual os alunos me procuram com frequência com esse fim. Gosto muito de duas textualidades culturais que acredito serem catalisadores interessantes da compreensão espacial: música e literatura. Assim, na sistematização de boas músicas, contos, poemas e outros gêneros venho identificando portadores de paisagens que não apenas descrevem o espaço, mas se colocam nele. E mais: não apenas se colocam nele como, em dado momento, são o espaço!

A escolha de boas textualidades para serem exploradas em aula não é a atividade docente em si, mas com certeza é parte importante dela. Um bom recurso é um potencial enorme ao professor que, dotado das ferramentas reflexivas, propõe a mobilização ao conhecimento. Essas interfaces com outras realidades possibilitam não apenas conhecer a paisagem em um sentido mnemônico (como se ela fosse uma cena, uma informação), mas gerar questões para o entendimento do processo de produção do espaço de maneira geral.

Por isso clamo aos estudantes em estágio supervisionado que não se limitem a trazer qualquer texto, qualquer imagem, qualquer música, mas que vasculhem em busca de um material de qualidade e de fato significativo para desenvolver determinado tópico. Assim, quando um estudante me aborda inquirindo-me sugestões para trabalhar com a região

nordeste, tenho uma proposta que atravessa os semestres, mas quase sempre rende bons planejamentos: o uso do poema “Morte e Vida Severina” de João Cabral de Melo Neto.

Nesta obra, densa e repleta de simbologia geográfica, o autor narra a história de Severino que – como tantos outros no semiárido nordestino – é um retirante (“que em vossa presença, emigra” em MELO NETO, 2007, p.7). Ela é geográfica por diversos motivos: trata da relação de um povo com sua terra, cumpre a jornada ao longo de um leito de rio, atravessa complexos bioclimáticos, mas acima de tudo porque propõe o espaço como possibilidade. No poema, as alusões a “morte” e “vida” são espaços, e o retirante se movimenta para buscar a vida que já não percebe como possível em sua origem.

A forma proposta pelo poema também é interessante, na medida em que o migrante percorre o estado de Pernambuco, onde seu relato constitui-se ao leitor uma crítica política às mazelas da região. Ao chegar em seu destino – a vida<sup>2</sup> - percebe a paisagem como esperança. Quando Severino se identifica, no início do poema, dizendo a que veio ele traz que há muitos *Severinos* vivendo “na mesma serra magra e ossuda em que eu vivia” (MELO NETO, 2007, p.7). Nesse caso, o personagem não apenas está na paisagem, como é a própria. Vê na paisagem o reflexo de si e vice-versa. E não apenas no conteúdo, como também na forma. A paisagem é entendida como mais que cenário ou produto histórico, passa a ser parte da identidade dos sujeitos.

Essa hibridização entre o homem e a paisagem, conforme nos aponta Pinheiro Neto (2012), também é com o rio ao qual Severino segue e que o leva ao mesmo destino. Tal como os retirantes, o rio segue seu curso à Zona da Mata e é companheiro de viagem de Severino. A individualização da natureza e – nesse caso – dos elementos da paisagem é problematização interessante do poema cabralino para entendermos o estar (e talvez o ser) na paisagem.

Essa identidade com a paisagem também se manifesta na letra de Caetano Veloso “Reconvexo”, quando o autor propõe a oposição àqueles que não são parte da cultura do recôncavo baiano, descritos nos elementos do cotidiano e nos personagens e espaços da região (Dona Canô, Bobô, Olodum, Pelô, etc.). O artista coloca em contradição ao

---

<sup>2</sup> O subtítulo do poema é “Auto de Natal Pernambucano”. Longe de ser uma temática religiosa, como nos aponta Pinheiro Neto (2012), a obra faz alusão ao nascimento a partir da possibilidade que o migrante percebe ao chegar no mangue pernambucano, ou seja, expõe a contradição da paisagem no Estado.

elemento da paisagem “Recôncavo Baiano” ao afirmar que “quem não é recôncavo e não pode ser reconvexo” (CAETANO VELOSO, 2017), fazendo a alusão à dicotomia da forma côncavo/convexo. Nesse caso, há novamente a hibridização sujeito/elemento da paisagem.

O cantor Belchior, recentemente falecido, nos brinda com inúmeros exemplos da relação ser/paisagem. Trago dois exemplos mais significativos da canção “Fotografia 3 x 4”. O autor nos oferece uma crítica à ideia de norte/acima e sul/abaixo quando se refere ao nordestino que “disse Newton já sabia, cai no sul grande cidade” (BELCHIOR, 2017). A metáfora na letra de Belchior mostra um espaço que, como a lei da gravidade, atrai/expulsa. Na mesma letra, o jovem que veio do norte se sente “desnordeado”, onde o autor brinca com as palavras e faz alusão à perda da identidade, à dificuldade de adaptar-se à cidade de São Paulo. Na obra de Belchior, na de Melo Neto e de outros artistas nordestinos, o espaço (mais do que o tempo) é possibilidade. As paisagens geográficas são buscas por um bem-viver.

Por sua vez, a historiadora Sandra Pesavento (2008) faz referência à hibridização no espaço da cidade, entendendo-a como uma projeção de corpo, pois diz que “tal como um ser humano, a cidade possui uma identidade que faz com que os indivíduos a reconheçam e se reconheçam nela como individualidade” (p.37). As ruas são veias, as avenidas são artérias, o centro é o coração da cidade. Mais, dizemos que a cidade pulsa ou, durante um feriado prolongado, que ela morre. Tanto conteúdo quanto forma da paisagem nos induzem a entendê-la não meramente como um entorno, mas como uma materialização. Não apenas estamos na paisagem, somos paisagem!

## **5 - Problematizações, digressões, sugestões e outros recursos**

Como o propósito do presente texto é oferecer-se enquanto proposta (e discussão) metodológica ao ensino de geografia, ofereço nos parágrafos a seguir três ideias desenvolvidas para que – não sirvam como receita, mas – problematizem professores a aventurar-se nas articulações curriculares, reinventando os temas geográficos e aventurando-se em novas abordagens metodológicas. Enfim, são apenas disparadores da criatividade de que cada um é dotado. Cada escola tem uma realidade que é particular, distinta, específica e profunda. Por isso, o capítulo lança o que considera a matéria-prima para que cada lhe atribua forma e conteúdo conforme desejar.

### **5.1 - América Latina: um roteiro de viagem no painelismo.**

Uma das principais críticas que faço (não sozinho, pois é uma crítica recorrente) ao modelo NHE é justamente a segmentação. Portanto, discutindo com colegas, propomos alternativas para atribuir coerência espacial à sequência didática. Um dos caminhos que apontamos (em trabalho juntamente com LABELLA-SANCHEZ e LEMOS, em 2011), foi o painelismo didático.

Essa atividade foi proposta especificamente a uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA) de uma escola pública em Porto Alegre, há 7 anos. Naquele contexto, percebíamos que a EJA era marcada pela intermitência na frequência dos estudantes. Para isso, queríamos (Eu, responsável pela Geografia, juntamente com a Professora de Espanhol) construir uma plataforma onde obtivéssemos uma constância aula a aula e, assim, os estudantes faltantes pudessem perceber no concreto as atividades realizadas em suas ausências. Em outras palavras, cobrir discontinuidades com outras continuidades.

Optamos pela construção de um painel temático, que se constituiu em uma imagem da América Latina desenhada em um pano com mais de 4m<sup>2</sup> e que era mantido em uma das paredes da sala da referida turma. Nesse painel, expúnhamos todos os materiais produzidos nas aulas (algumas conjuntas) e que representavam uma viagem pelas paisagens do subcontinente. O projeto estava dentro de uma ação maior que discutia - no âmbito de toda a escola - a atuação dos jovens pela democracia. Dessa forma, nosso recorte partiu do filme *Diários de Motocicleta*<sup>3</sup> e apresentava a viagem de Che Guevara pela América Latina.

No painel, eram colados / costurados / pendurados diversos materiais que constituíam pontos de parada e análise de paisagem de cada ponto. As problematizações eram feitas por materiais diversos: texto, imagem, vídeo, etc. Contudo, sempre resultavam em um registro que materializava o ponto no roteiro do mapa e, assim, representava aos estudantes a espacialização de um saber. Caso ele faltasse, perceberia no registro do painel o que fora discutido e produzido. Ao final do projeto, era possível vislumbrar a unicidade de um trabalho que era concretizado em um roteiro com saída e chegada, tanto física quanto em aprendizagem.

---

<sup>3</sup> Walter Salles, 2004.

Cada ponto não é apenas a análise dos elementos da paisagem em si, mas de um modo de vida, de uma relação socioespacial que se manifesta no local. A paisagem através de um roteiro mostra a alteridade no espaço ao passo em que manifesta as múltiplas identidades e pode levar, inclusive, a identificar unidades.

## **5.2 - A paisagem urbana: a rua como definição**

Se a paisagem é expressa por signos percebidos no espaço, podemos crer que a leitura desses signos é tarefa inalienável da Geografia. Assim, podemos supor que o ensino de geografia deveria ressignificar olhares, propor novas leituras de paisagens e possibilitar intervenções cidadãs. Uma das unidades espaciais mais próximas do vivido e – ao mesmo tempo – mais complexas – é a rua. Definidora por conceito da paisagem urbana, a rua é o elemento articulador não só da cidade, mas como metáfora do público vs. privado.

Ao ressignificarmos a visão sobre a rua, possibilitamos aos estudantes repensar e recontextualizar o próprio espaço – o cotidiano vivido. Para isso, temos que propor descentrar o olhar sobre o conhecido e interpretar aquilo que está obtuso, negligenciado pelo olhar, oculto na forma. Dentro de uma proposta, coletei atividades que eram realizadas por mim e por outros colegas e que tratam desse tema, configurando uma sequência didática a partir de retalhos de atividades que reformulei e reapliquei em outros contextos.

A *primeira atividade* é uma experiência que conheci ainda como estagiário em minha Prática de Ensino ao Ensino Médio, em 2006, sob orientação do Prof. Nestor Kaercher na UFRGS. Os alunos do Colégio Estadual Piratini, em Porto Alegre, promoveram uma exposição na qual expuseram seus trabalhos retratando literalmente as ruas. Assim, tomavam nomes de ruas que não faziam sentido e a desenhavam. Dessa forma, a “Quintino Bocaiúva” tornava-se um número 5 acompanhado de uma boca e de um cacho de uva. Claro que a rua não era escrita, apenas tínhamos que a deduzir, na exposição, interpretando o desenho. Motivei-me com a atividade (que nunca consegui descobrir quem havia proposto) e a reproduzi ao menos uma dezena de vezes entre meus alunos de outras escolas. Os resultados eram sempre interessantes, pois criava nos estudantes um modo de atenção de forma a compreender a toponímia e as relações políticas envolvidas na nomenclatura dos logradouros públicos.

Posteriormente, sigo como *segunda atividade* na proposta de conhecer (pesquisar) os sujeitos que dão nome aos espaços: ruas, escola, cidade, etc. Dessa atividade, muitos são os desdobramentos. Me recordo que em uma escola em que trabalhei na Rede Municipal de Porto Alegre, projetamos o desconhecido patrono da Escola a saber que ele fora um líder comunitário e pessoa fundamental no desenvolvimento da região. Também, percebe-se que muitos dos nomes são incipientes até mesmo à história, sendo apenas um vulto com determinada patente militar que recebeu relativo prestígio em função da Guerra do Paraguai. De qualquer forma, a nomenclatura do espaço nos conduz à reflexão sobre as relações de poder na representatividade do mesmo. A rua “Getúlio Vargas”, em Porto Alegre, recebe este nome em 1935 – período em que o próprio Getúlio era Presidente do país. Nomes de generais da ditadura, santos católicos, ilustres desconhecidos desenham a toponímia urbana e atribuem mais ou menos sentido às nossas relações espaciais. Pensar os nomes (e o que decorre deles) é, de alguma forma, pensar o espaço.

Após a reflexão, induz-se à *terceira* atividade, mobilização cidadã! O nome dos logradouros não é estático. Dia após dia, novos nomes são atribuídos por lei municipal ou simplesmente por apelidos atribuídos pela própria população. A famosa “Rua da Praia” em Porto Alegre que, mesmo sendo “Rua dos Andradas”, nunca deixou de ser chamada como tal pelos moradores do município. Assim se passa da mesma forma com o Parque da Redenção (Parque Farroupilha), com a Praça do Capitólio (Praça General Daltro Filho), com a Praça da Matriz (Praça Marechal Deodoro da Fonseca) e tantos outros<sup>4</sup> espaços públicos.

Ao constatar que relações de poder se traduzem na nomenclatura dos logradouros, é possível propor aos estudantes uma releitura e até mesmo uma proposição ao espaço. Um amigo relatou-me a iniciativa de um projeto de formação de professores em temáticas étnico-raciais em um município do interior do Rio Grande do Sul em propor que esses professores participantes – juntamente com a comunidade escolar – promovessem a escolha de lideranças negras entre suas comunidades. A parte mais interessante (e emocionante) desse relato foi saber que em algumas situações nem mesmo os escolhidos se reconheciam enquanto lideranças. Esse movimento projetou o trabalho de quem era reconhecido pela população local e desconhecido dos autos da história oficial.

---

<sup>4</sup> Apesar de lecionar em Pelotas, resido na cidade há apenas 18 meses. Assim, muitos dos exemplos que trago ainda remontam à minha cidade natal: Porto Alegre.

Personagens do cotidiano que são referências de poder, cultura e representatividade – cujos nomes não escritos nas atas do poder estatal – desaparecem e acaçapam sua contribuição àqueles espaços.

Que nomes poderão receber as ruas onde moramos? Que sentidos esses nomes fazem a quem mora na rua ou no bairro? Que nomes queremos escrever, desenhando assim a história do nosso tempo? Que significados há na representatividade? Quantas ruas levam nomes de personalidades negras? Quantas ruas levam nomes de personalidades femininas? Toda a demanda social é perceptível na representatividade da nomenclatura espacial. Propor um nome de uma praça, rua e até mesmo da escola é sentir-se capaz e empoderado de representar a si e a seu grupo naquele espaço, é um movimento pela identidade e, mais, pela territorialidade. Sentir-se parte da paisagem urbana requer, portanto, apropriar-se de sua história, entender seus signos, estabelecer uma relação de identidade e sentir-se capaz de transformar aquela paisagem (e as relações com a mesma).

### **5.3 - Paisagens Sonoras: explorando outros sentidos geográficos.**

Ainda quando estudante de graduação, fui tomando conhecimento de materiais produzidos a pessoas com deficiência que estimulavam outros sentidos de apropriação geográfica. O exemplo mais clássico seria o mapa tátil, mas conforme a inclusão passou a ser um discurso mais presente em meios educacionais, a criatividade docente foi dando vazão a outros materiais. Dentro disso, fui percebendo que esses materiais se constituíam também como formas para todos os estudantes explorarem novas sensibilidades às paisagens. Cada vez mais, passei a pensar na paisagem como um *arranjo*, uma articulação de discursos espaciais que se produziam em conjunto.

Dentro disso, passei a formular uma atividade que nomeei como *Paisagens Sonoras*, que era basicamente um exercício de descrever uma cena a partir de uma música. A atividade estruturava em três momentos: escuta de uma seleção de trechos musicais, registro dos elementos que povoavam o imaginário de cada estudante e compartilhamento dos registros em uma síntese coletiva. Os dois primeiros ocorrem simultaneamente, o terceiro tem um papel de fechamento e discussão. Uma das vantagens dessa atividade é que nunca está encerrada e tampouco apresenta um final correto, está sempre aberta a novas possibilidades e à criatividade do trabalho docente.

No primeiro momento, eu oferecia aos estudantes uma lista de 10 músicas selecionadas. Não as reproduzia por inteiro para evitar a dispersão, apenas deixava um tempo suficiente para que eles pudessem escutar e apontar alguns registros. Nesse tempo, que era por volta de 40 a 50 segundos, eles deveriam escutar a canção e imaginar uma cena que contextualizasse com aquela trilha sonora. Enquanto imaginavam, registravam os principais contextos e elementos dessa paisagem. Em geral, eram músicas muito diversas. Alternava um *blues* com um toque de capoeira, passava de uma música gauchesca a uma valsa. Enquanto isso, os estudantes seguiam registrando em seus cadernos. Alguns inclusive chegam a desenhar o que estão visualizando mentalmente.

Finalmente, quando se findava o tempo das canções, íamos discutindo que elementos surgiram para cada uma das canções. Um dos principais tópicos que surgiam era de como as canções produziam memórias de paisagens relacionadas a filmes. Isso era de grande valor para constatar como as projeções nacionais e regionais estão relacionadas com a indústria cultural do cinema. Em outras palavras, as mídias como séries e filmes são produtoras de paisagens, pois influenciavam diretamente como os estudantes construíam espaços em que nunca haviam estado.

## **6 - Palavras Finais**

O propósito desse ensaio é o de dialogar com a ideia de paisagem como uma categoria articuladora. Para tanto, seria reducionismo propor uma estrutura de abordagem, sendo que a intenção é de invocar novos olhares sobre o uso da paisagem na articulação dos conteúdos. Prefiro, assim, pensar que os exemplos do texto são disparadores para que os professores em atuação e em formação possam tecer seus planejamentos.

Um dos principais elementos que considero importantes na análise pela paisagem é a interpretação. Ao romper com a geografia tradicional, percebemos que o espaço – apesar de uma dimensão concreta – não está dado. É passível de uma diversidade de olhares e compreende divergências quanto à sua leitura, um devir espacial. Ao percebermos essa diversidade, atribuímos um sentido cultural à interpretação espacial e possibilitamos compartilhar uma gama de leituras e pô-las em diálogo. A intersubjetividade presente nessas acepções é, por si só, a aprendizagem da paisagem.

Como professores, podemos, portanto, propor recursos, materiais e perguntas que problematizem os velhos olhares dos alunos e favoreçam um modo de atenção vívido

acerca do espaço. A paisagem se configura por uma multiplicidade de processos e – não raro – o aluno contribui com elementos que passariam despercebidos à análise do professor. O contato com diferentes paisagens, modos de vida, processos históricos pode ser um importante elemento ao problematizar o seu próprio. O binômio identidade/alteridade se faz na paisagem a partir da diversidade espacial. Se a pobreza das periferias brasileiras se reforça nas paisagens urbanas das cidades canadenses, será ela também problematizada com as paisagens das cidades haitianas? Na diversidade atribuímos sentido, dimensão, unidade e –também – nos diferenciamos. Conhecer o mundo é necessário para entendermos nossa condição nesse mesmo mundo.

A leitura da paisagem, quando problematizada, empodera a capacidade de ação sobre o espaço. Ao lermos com profundidade a complexidade das relações espaciais, nos aparelhamos para inter-agir – ou seja – agirmos em conjunto para promover as mudanças necessárias a uma melhor apropriação desse espaço. O ensino de geografia – nesse caso – cumpre função cognitiva, social, política e cultural – quando promove novas compreensões do cotidiano a partir do elemento básico e catalisador da educação: o conhecimento.

## REFERÊNCIAS

BERQUE, A. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. IN: CORREA, R. L. ROSENDAHL, Z. **Geografia Cultural uma antologia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

BELCHIOR. **Fotografia 3x4**. Letra disponibilizada em: <<http://www.letras.mus.br/belchior/132598/>> Acesso em 07 de abril de 2017.

MARTINEZ, C. A. F.; LEMOS, M. P.; LABELLA-SÁNCHEZ, N. Con el Che por Latinoamérica: Reflexões e ações de um projeto interdisciplinar na Escola Porto Alegre (EPA). In: FREITAS, A. L. S. de et al. (Org.). **Leituras de Paulo Freire: na partilha de experiências**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. p. 43-6.

MELO NETO, J. C. de. **Poesias completas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2007.

MOREIRA, R. **Para onde vai o pensamento geográfico? Por uma epistemologia crítica**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

PANITZ, L. M. O estudo das paisagens e suas representações a partir de produtos culturais. In: VERDUM, R.; VIEIRA, L. F. S.; PINTO, B. F. [et al]. **Paisagens: Leituras, Significados, Transformações**. Porto Alegre: UFRGS, 2012.

PESAVENTO, S. J.. A cidade maldita. IN: PESAVENTO, Sandra J.; SOUZA, C. F. de. **Imagens Urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Porto Alegre, UFRGS, 2008

PINHEIRO NETO, J. E. Geografia e Literatura: a paisagem geográfica e ficcional em *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto. In: *Boletim Campineiro de Geografia*. v.2, n°2. Campinas, 2012.

SOUZA, M. L. de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

VELOSO, C. **Reconvexo**. Letra disponibilizada em: <<http://letras.mus.br/caetano-veloso/201526/>> Acesso em 12 de Abril de 2017.